



O CORNETA

Contribuição

Cz \$30,00

Tiragem 5.000 exemplares

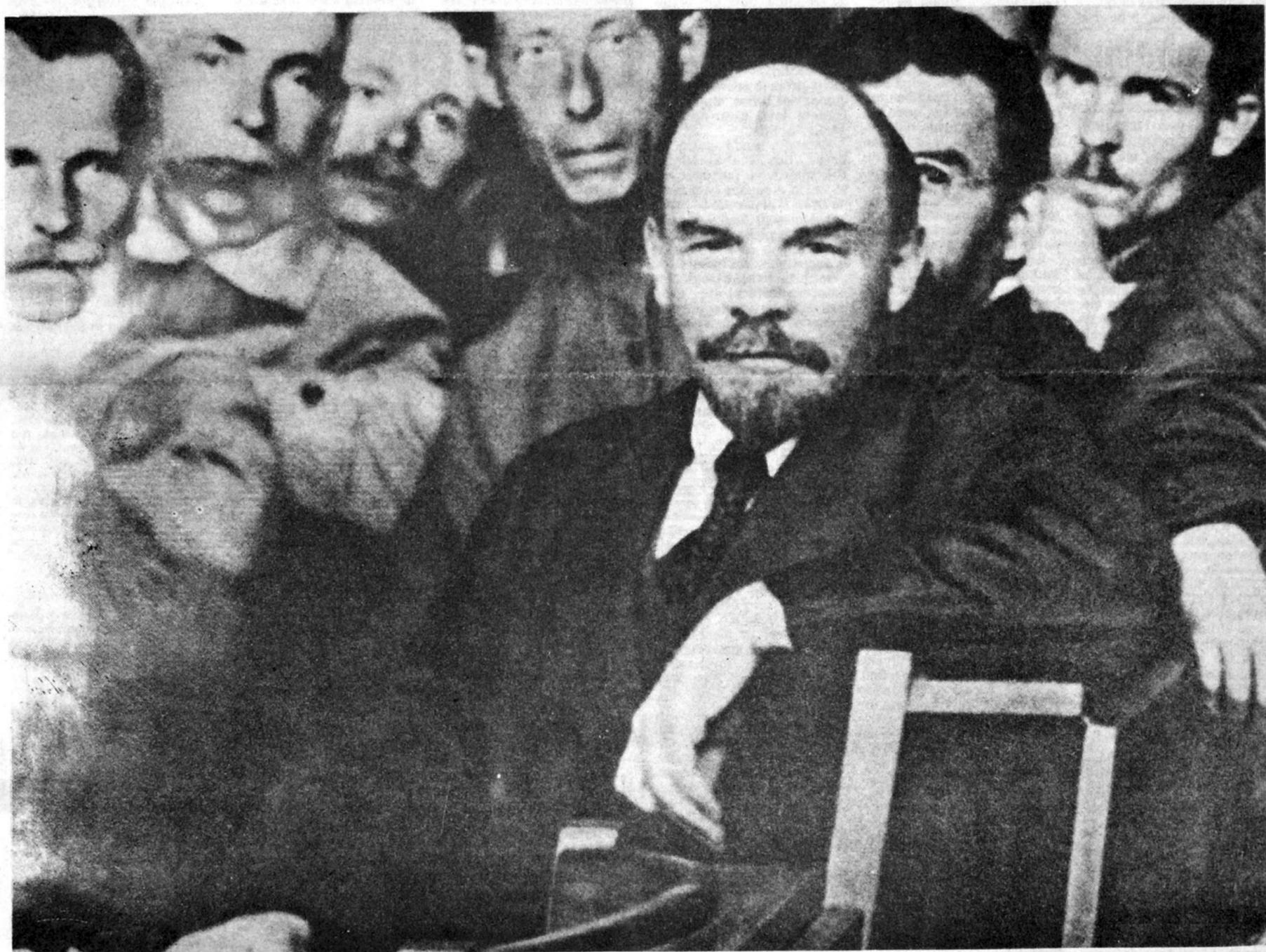
Ano III — N.º 24 São Paulo, 1.ª quinzena de maio de 1987

Um jornal dos trabalhadores feito pelos próprios trabalhadores

Rua Barra Funda, 797 — São Paulo — Cep 01152

Companheirada! É preciso sonhar!

Foto do Arquivo do CIMOP



Lenin em Moscou em 1921

“O desacordo entre os sonhos e a realidade nada tem de nocivo, sempre que a pessoa que sonhe acredite seriamente no seu sonho, observe atentamente a vida, compare as suas observações com os seus castelos no ar e, de maneira geral, trabalhe escrupulosamente para a realização das suas fantasias. Quando existe um contato entre o sonho e a vida, tudo vai bem”

(Pissarev)

Neste número do 1.º de Maio, mais uma vez homenageamos no **Corneta** o companheiro Lenin. Lenin foi aquele que em fevereiro de 1902, dizia à classe operária russa que é necessário sonhar.

Em 1917 aquilo que para todos pareciam sonhos vazios se concretizou como a primeira revolução socialista da história, como o primeiro governo dos trabalhadores, como o primeiro estado proletário.

Nesse processo de 1902 a 1917, nesse processo que desembocou na vitoriosa revolução russa, um dos passos fundamentais foi justamente a organização de um jornal para toda a Rússia. O jornal que se transformou no organizador coletivo, no unificador dos grupos dispersos, no generalizador das lutas da fábrica, da cidade e do campo. Em 1902 a proposta de um jornal com milhares de colaboradores, com dezenas de milhares de exemplares um jornal para toda a Rússia, era apenas um sonho. Mas como

pensava Lenin, era necessário abandonar o pensamento medíocre que meramente se adaptava às forças dominantes, era necessário abandonar o pensamento que se reduzia à conciliação e à realidade no seu sentido exclusivamente positivo. Era preciso sonhar, afirmava Lenin, e Lenin já em 1902 dizia assim o seu sonho.:

“Se realmente conseguíssemos que todos ou uma maioria considerável dos comitês, grupos e círculos locais empreendesse ativamente o trabalho comum, poderíamos num futuro muito próximo, estar em condições de publicar um semanário que se difundisse regularmente em dezenas de milhares de exemplares por toda a Rússia. Este jornal seria uma parte de um gigantesco instrumento

que aticasse cada centelha da luta de classes e da indignação do povo, convertendo-a num grande incêndio. Em torno deste trabalho, em si muito inofensivo e muito pequeno ainda, mas regular e comum no pleno sentido da palavra, concentraríamos sistematicamente e instruiríamos o exército permanente de lutadores experimentados. Sobre os andaimes desta obra comum de organização rapidamente veríamos subir e destacar-se de entre os nossos revolucionários, (...) de entre nossos operários, (...) aqueles que se poriam à cabeça do exército mobilizado e levantaríamos todo o povo para acabar com a infâmia e a maldição da Rússia.

É com isto que é preciso sonhar!”

Lenin “Que Fazer”

PRIMEIRO DE MAIO

Dia de Luta dos Trabalhadores

Maurício Tragtenberg

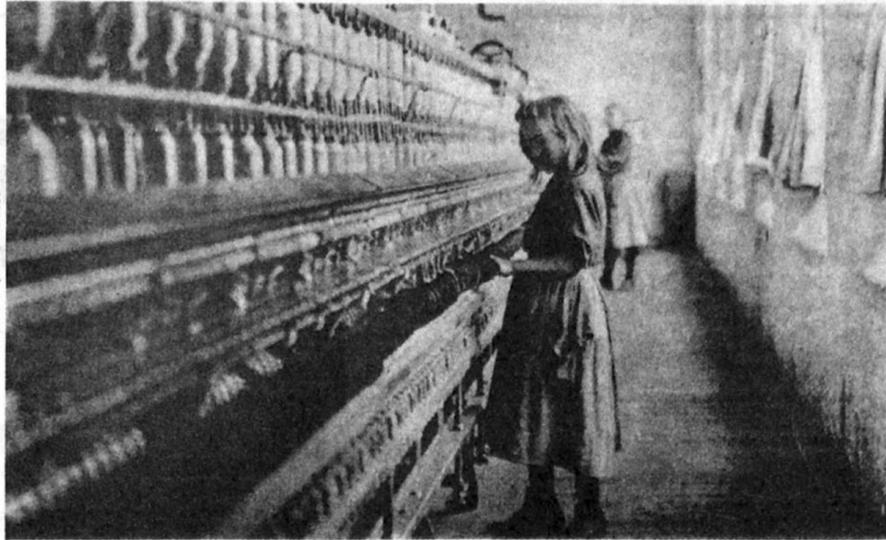
Diferentemente do que pregam muitos 'pelegos' ou 'líderes' sindicais que fazem disso profissão, o dia 1.º de Maio é um dia de luta dos trabalhadores a nível internacional, da mesma maneira que o capital não tem fronteiras, o trabalho também não tem.

A história do 1.º de maio está profundamente ligada a luta da classe trabalhadora por jornada de trabalho mais reduzida. Após duras lutas os trabalhadores norte-americanos conquistaram a jornada de trabalho de 10 horas, depois, passaram a lutar pela jornada de 8 horas. No Congresso da Federação dos Sindicatos dos Estados Unidos em 1884, os trabalhadores haviam estabelecido o objetivo: a partir de 1.º de maio de 1886, ninguém deveria ser obrigado a trabalhar mais de 8 horas diárias.

A luta pelos "três oito", (8 horas de trabalho, 8 de des-

canso e 8 para educação e lazer) vinha desde o começo do século. Não era uma reivindicação de uma ou outra categoria: nessa luta formaram-se sindicatos e federações regionais e nacionais, levaram-se grandes campanhas conjuntas. Também não era uma briga só de operários ingleses ou norte-americanos: a luta estava presente onde houvesse uma fábrica.

Porém a repressão do patronato e do Estado norte-americano foi duríssima. Nos dias 3 e 4 de maio de 1886, dezenas de operários foram mortos nas manifestações realizadas junto à fábrica Mac Cormick, de Chicago, que recusava a diminuir a jornada. Os principais dirigentes proletários foram presos e submetidos a julgamento. A 11 de novembro de 1887 cinco deles foram condenados a morte e executados: Hessois Augusto Spies, Albert Parsons, George Engel, Louis Lingg e Adolph Fisher. Em 1889 o Congresso de



Uma menina operária têxtil em 1908

fundação da Segunda Internacional Socialista, decidiu realizar um dia mundial na luta pela jornada de 8 horas de trabalho, que, em homenagem aos mártires de Chi-

cago, foi marcado para o dia 1.º de Maio de 1889.

Por tudo isso o dia 1.º de Maio não é nem pode ser transformado em dia de 'festa', foi assim comemorado

pelo Estado Novo e pelo 'peleguismo sindical' como festivo. Para o trabalhador, é um dia de reflexão, em que ele analisa suas lutas até então, seus erros e acertos co-

metidos e as perspectivas que se apresentam para o futuro.

O que é importante é lutar contra a indústria das 'horas extras', lutar contra a maior tentativa de arrocho salarial que sofreram os trabalhadores após a Abolição, quando, hoje com a 'Nova República' os assalariados são responsabilizados pelo déficit público e é sobre os seus ombros que a elite dominante quer jogar o peso da crise do sistema, que é mundial.

Razão pela qual, 'toda força' deve ser dada a constituição de grupos de fábrica, comissões de fábricas, sindicatos combativos no sentido de oporem um dique ao super-arrocho que 'pinta no pedaço'. A melhor maneira de comemorar o 1.º de Maio de 1988 é o assalariado organizar-se para lutar contra a queda de seu nível de vida.

* Maurício Tragtenberg é professor da PUC, da FGV e da Unicamp e membro do Conselho consultivo do "Corneta".

Trabalhador pobre e Literatura

Valentim Facioli

Aluísio Azevedo (1857-1913) publicou seu penúltimo romance, *O cortiço*, em 1890. Pode-se dizer que em todo o século XIX brasileiro, nenhum livro de imaginação tratou como ele das relações entre o capital e o trabalho. Nenhum mostrou com a mesma força como o enriquecimento de uma pessoa impõe a miséria e a desumanização aos que trabalham para ele. Nenhum outro romance da época exibe de modo mais perfeito o processo de acumulação de capital como documento vivo de barbárie.

Aluísio Azevedo era adepto da corrente de idéias sociais e artísticas que se denomina Naturalismo. Para essa corrente, e para ele próprio, o escritor deveria escrever um romance menos com a imaginação e a fantasia e mais com a observação da vida real e a verdade observada. Por isso, seu propósito era escrever romance que "legassem às gerações vindouras um retrato quanto possível fiel" do Brasil do seu tempo.

Nos últimos anos do século XIX o comércio do Rio de Janeiro era dominado por estrangeiros, principalmente os portugueses. A partir desse fato real Aluísio Azevedo observa, no romance, como é o enriquecimento de um comerciante português: João Romão. Essa personagem recebe uma venda (armazém) de um contêrrâneo seu que já rico voltara a Portugal. Recebe também um conto e quinhentos de ordenados atrasados. Logo depois engana uma negra escrava, a Bertoleza, e faz dela sua mulher, sem casar, e sua principal "ajudante". É o começo.

Mais tarde, João Romão compra um pedaço de terra nos fundos da venda e passa a furtar materiais de construção das vizinhanças, junto com a Bertoleza, para construir casinhas do cortiço. Trabalham ambos como "burro de carga", como diz o autor. Todo dinheiro ganho é guardado por João Romão. As pessoas que alugam as casinhas são exploradas no preço do aluguel e nos das mercadorias que compram na

venda. Além disso, ampliou a venda, com um bazar e uma espécie de cantina, onde comiam os operários das redondezas. "Era João Romão quem lhes fornecia tudo, tudo, até dinheiro adiantado quando algum precisava. Por ali não se encontrava jornalista (operário), cujo ordenado não fosse inteiro para as mãos do velho."

Em seguida, já ganhando muito dinheiro, João Romão comprou uma pedreira, que havia nos fundos do cortiço. "Pôs lá seis homens a quebrarem pedra e outros seis a fazerem lajedos e paralelepípedos, e então principiou a ganhar em grosso, tão em grosso, que dentro de ano e meio, arrematava já todo o espaço compreendido entre as casinhas e a pedreira." E construiu mais casinhas: noventa e cinco ao todo. O cortiço virou a "Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinhas para lavadeiras."

Ao lado da "Estalagem de São Romão" havia um grande sobrado, pertencente ao Miranda, também português e comerciante. Este, entretanto, ficaria rico por outro meio: era casado com uma brasileira rica. O problema do Miranda é que a Estela, sua rica mulherzinha, é "levada da breca" e lhe botou chifres com Deus e todo mundo. Mas o Miranda prefere suportar a mulher a perder a riqueza. No começo ele tem inveja de João Romão, que não tem esse problema e nem Miranda sabe que ele vive amancebado com a escrava Bertoleza. Depois é João Ramalho que faz planos para ser mais rico e mais importante do que o Miranda. No final da história, João Romão vai se casar com a filha do Miranda.

E os trabalhadores pobres? Como vivem? Em que ficam?

Aluísio Azevedo é um intelectual pequeno-burguês, mas progressista. Põe-se contra a escravidão e a situação de atraso do Brasil, em favor da modernização capitalista do país, em defesa das idéias de progresso e liberdade. Embora suas concepções de família fossem bastante conservadoras, entendendo que a mulher devia ser submissa ao homem, e seu

lugar próprio era em casa a cuidar dos filhos, enquanto o homem devia estar na rua e ganhar a vida.

Entendia ainda que a pobreza dos trabalhadores (brasileiros ou portugueses) se devia a causas raciais ou naturais. Ou porque os brasileiros fossem mestiços (mulatos, como Rita baiana, Firmo etc.) ou os portugueses brancos mas abasileirados, pelo clima (o sol e o calor), a natureza tropical etc., todos eles eram fracos e desinteressados pelo dinheiro e a riqueza. Nenhum sofria do "delírio de enriquecer", a moléstia nervosa que se apassora de João Romão. Esse delírio de Romão é acompanhado pelo escritor e o romance vai sendo escrito à medida que ele enriquece e os trabalhadores e suas mulheres mais pobres e miseráveis se tornam. Para as filhas dos moradores do cortiço o destino é sempre certo: a prostituição. Os trabalhadores brigam entre si (como o mulato Firmo e o português Jerônimo); ou os moradores do cortiço de João Romão com os moradores do "Cabeça-de-gato", disputa essa estimulada por Romão, que dela obtém novas vantagens.

Finalmente o cortiço de Romão é incendiado por uma moradora (a Bruxa), mas é reconstruído, aumentado e "modernizado", excluindo os trabalhadores pobres para só aceitar funcionários e "gente mais decente". Transforma-se em "Avenida São Romão", rua chique do bairro de Botafogo. Os pobres vão engrossar o miserável cortiço "Cabeça-de-gato".

João Romão para se casar com a filha do Miranda (Zulmirinha) tenta devolver Bertoleza, sua escrava e mulher, a seu antigo dono. Bertoleza se suicida e Romão ainda recebe o título de "sócio benemérito de um clube abolicionista".

Vê-se que Aluísio Azevedo sabe que existe luta entre os que trabalham e os que enriquecem às custas destes. Porém, ao invés de narrar a luta de classes, prefere falar em luta de raças e de nacionalidades: branco contra mulato ou negro; brasileiro contra português.

Por que Aluísio faz isso? Parece que em nome do progresso e da modernização do Brasil, ele vê nosso atraso como produto do cruzamento racial da população e das condições naturais (calor, sol, trópico). É uma "explicação" aceita por muitos ainda hoje.

* Valentim Facioli é professor de Literatura Brasileira da USP e colaborador do "Corneta".

Luta de Classes e Abolição

Da nossa reportagem local

"O Corneta" foi buscar a opinião de alguns companheiros sobre a relação entre opressão de classe e a discriminação contra o negro. Até que ponto o negro é oprimido e discriminado exclusivamente por causa da sua cor? Até que ponto isto ocorre pela sua condição social de classe?

Fala Vicentinho

(Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo/Diadema)

"Este ano se comemora o centenário da Abolição, entre aspas, e nós queremos momento mostrar a verdade, a verdade classista. Acho que temos um problema sério no Brasil. Como quem dirige o Brasil são os capitalistas, e não dirigem apenas o processo econômico, político, mas também o processo social e cultural, então consequência disso, nós aprendemos na escola tudo de forma diferente. Se for perguntar ao povão quem libertou os escravos todo mundo vai dizer fluentemente que foi a Princesa Isabel. Agora a história mostra outro caminho, mostra que a libertação dos trabalhadores escravos da época foi obra dos próprios trabalhadores escravos, mostra que houve experiências de repúblicas socialistas, que houve greve, que houve reforma agrária, que houve

enfim mudanças, que houve defesa e ataque dos trabalhadores. Então o 13 de maio este ano é importante porque a gente vai tentar através de debates, de reuniões em porta de fábrica, através da produção de "slides", enfim, usando vários veículos, mostrar o lado real da nossa história. Porque infelizmente os nossos heróis são violentados. Zumbi não existe, Antônio Conselheiro não existe, quem existe são os marechais, os coronéis, os presidentes, etc, etc. Então a tentativa é mudar essa idéia, pra ver se mudando conseguimos que o negro assuma o seu papel na sociedade. Não o papel do negro como especial na sociedade, mas o papel de um companheiro que tem o mesmo direito de lutar, ombro a ombro, no sentido classista. Porque uma coisa posso dizer como negro que sou, no

meio operário não existe preconceito. Quando você está em greve, quando está mobilizando, participando, você percebe que todos nós somos iguais. Eu fui eleito aqui no Sindicato com 97% dos votos, diferente do Luis Antonio, que é branco e foi eleito com 30% dos votos. Então, acho que não existe preconceito no meio operário. Quanto mais você introduz a questão classista, mais essa discriminação da mulher, do negro, do índio, etc. A TV Globo, por exemplo, fica mostrando que o negro venceu na vida, mostra o negro achê, achê, achê, aquele negócio todo. Mas a grande verdade é que a história é outra: a discriminação que existe é resultado da sociedade capitalista. Muitas pessoas, muitos trabalhadores, assimilam essa discriminação e muitos negros também aceitam. Não podem aceitar."

Fala Vandei

(da diretoria do Sindicato da Purificação - Sabesp/Cotesh)

"O 13 de maio hoje está colocado para nós, para mim que sou uma pessoa negra, como uma festa e na realidade não é uma festa para nós. Não se pode comemorar com festa

porque a realidade hoje não acabou a escravidão. O que acontece é que deixou de existir a escravidão apenas para o negro, hoje a classe trabalhadora todinha é escrava. O 13 de maio

é um dia de luta, não apenas do negro mas da sociedade inteira, porque o negro hoje é tão explorado como o branco, essa é que é a realidade para nós.

Falam Marcos Dias, Pedro e Manoelino

Devido ao Centenário da Abolição, "O Corneta" reflete Marcos Dias que tem atuação no Movimento Negro; Pedro, militante do Movimento Operário e Manoelino, militante do Núcleo do PT da Barra Funda.

Corneta - Gostaríamos que os companheiros falassem de suas experiências com relação ao problema do negro no Brasil e as comemorações do 13 de Maio.

Manoelino - Com relação ao centenário da abolição hoje existem três correntes bem definidas sobre como são encaminhadas as comemorações. Existe um grupo que marca o repêido total ao 13 de maio. Existe o segundo grupo que acredita que o 13 de maio é uma data para se fazer uma série de reflexões e o terceiro grupo vai festejar o 13 de maio. Eu faço parte do grupo que acha que o 13 de maio deve ser reflexivo, não é o 13 de maio e sim o 14 de maio, o dia seguinte, a situação do negro não se resolveu no 13 de maio de 1888. Em 1988, cem anos depois, com a Constituinte, será que vai ser resolvida? Eu acho que a Princesa Izabel não decretou a libertação dos escravos mas sim a escravidão do povo brasileiro. Eu sou um dos caras que torceu muito para que a Constituinte batesse com o 13 de maio, porque a primeira foi uma farsa e a segunda, dependendo da movimentação dos grupos sociais a gente consegue fazer a libertação do povo brasileiro.

Manoelino - Quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, por um lado ela libertou os escravos, por outro ela fez o jogo da classe dominante que precisa aumentar a mão-de-obra assalariada.

Corneta - Na sociedade capitalista, a classe dominante tem todo um discurso que defende seus interesses, que privilegia sua própria classe. Marcos, você acredita que a questão do negro está incluída na questão da luta de classes?

Manoelino - Na sociedade capitalista, a classe dominante tem todo um discurso que defende seus interesses, que privilegia sua própria classe. Marcos, você acredita que a questão do negro está incluída na questão da luta de classes?

Manoelino - Eu acho ilusório dizer que ao se resolver a questão de classe vai-se resolver a questão do negro. A esquerda nunca conseguiu ter claro isso, porque a questão racial transcende isso. Você vê muitos sindicalistas, militantes negros que são pegos justamente na questão racial, o discurso para derrubar esses indivíduos é justamente por aí, pela questão racial, e ele não consegue solidariedade de seus pares sobre essa

Manoelino - Eu acho ilusório dizer que ao se resolver a questão de classe vai-se resolver a questão do negro. A esquerda nunca conseguiu ter claro isso, porque a questão racial transcende isso. Você vê muitos sindicalistas, militantes negros que são pegos justamente na questão racial, o discurso para derrubar esses indivíduos é justamente por aí, pela questão racial, e ele não consegue solidariedade de seus pares sobre essa



Foto: Corneta

código, e isso esclarece o empregador se o candidato ao emprego é negro. Nos bancos, negro serve para entregar malote, você vê muitos negros no balcão como caixas? A indústria quer força de trabalho barata: para pagar pouco, o empresário faz de tudo.

Corneta - Com uma mudança de regime, o socialismo por exemplo, resolveria o problema do negro, essa discriminação?

Manoelino - Em Cuba hoje, nós temos informações que metade dos médicos lá são negros, mais da metade dos oficiais das forças armadas cubanas são negros.

Manoelino - Não sei se uma mudança de regime mudaria alguma coisa, mas eu acho que uma mudança de cabeça, uma mudança de postura, sim.

Manoelino - Em Cuba houve uma inversão da situação do negro que no regime capitalista era explorado e discriminado. Será que com esses fatos nós podemos concluir que a discriminação é um problema mais de classe do que racial?

Pedro - Marcos Dias, que você acha, para o jornal "O Corneta", começar esse trabalho com a comunidade negra, quais são os princípios básicos e necessários para iniciar esse trabalho através do jornal que é um material de divulgação e propaganda da própria luta dos negros no Brasil?

Manoelino - Qualquer trabalho deve ser para uma abertura de espaço. Lógico que você não vai fazer a coluna do negro, mas discutir a questão do negro dentro do jornal. Convidar negros para escrever no jornal, falar sobre a questão do negro e brancos escrevendo sobre essa questão. Abria no Corneta um fórum de debate sobre essa questão. Ter claro o seguinte: porque o negro não escreve, porque ele só escreve numa nota na coluna do leitor de jornais burgueses pra reclamar que foi discriminado. **Pedro** - Falando o que penso: Quanto à abolição da escravidão no 13 de maio de 1888, eu acredito que não houve uma libertação do negro como pessoa dentro da sociedade. Mas sim uma libertação da corrente para ingressar em uma nova escravidão - ser classe operária juntamente com o homem branco. Se existe preconceito de cor entre a classe operária, esse preconceito tem de ser combatido com a luta de classe. Isto é, solidariedade de classes.

EXPEDIENTE

"O Corneta é uma publicação da CIMOP (Centro de Pesquisa e Documentação sobre Imprensa Operária e Popular), rua Barra Funda, 797 - CEP - 01152 São Paulo (SP).

Conselho Consultivo: João Teodoro Cassimiro (Boia-deiro), Florestan Fernandes, Maurício Tragtenberg, Hector Benoit, César Galera, Lelita Junqueira, Manoelino de Carvalho Filho, Graciela Rodriguez, Cristina Marques, Luciano, Pedro, Sueli G..

Composição, Fotolito e Impressão: Página Livre Editora Ltda., Tel. 278.1292.

Diagramação e Past-Up: Cláudio Costa

Cartas, cartas e mais cartas

Braseixos

Só tirou a mão de um bolso do trabalhador

O comentário é que a Braseixos melhorou, mas é puro engano, companheiros, piorou o negócio, agora com essa nova direção aumentou a pressão, eles querem exigir muito dos trabalhadores, ficando com essa de segurança, isso é obrigado, só que é um pouco tarde, pra ver se vocês melhoram, vocês teriam que indenizar as pessoas surdas que perderam a audição, teriam que pagar a insalubridade que vocês não pagam, teriam que dar leite aos trabalhadores, os trabalhadores são obrigados a cheirar tinta o

dia todo, a comer fumaça e poluição, onde está a segurança? Ai é que está a maior segurança? Vocês teriam que indenizar as pessoas que são aleijadas da coluna, pessoas como o Camaleão que operou do pé e ficou aleijado aí dentro e foi pra rua, e várias pessoas que se encontram doentes aí dentro e a qualquer momento vocês mandam pro olho da rua. Não melhorou não, apenas parou de roubar, igualando a faixa dos operadores que o Vidigal mafioso vinha roubando. Para melhorar, os trabalhadores têm que se

organizar junto com a oposição e a CUT e formar grupos para conquistar uma comissão de fábrica através da organização dos trabalhadores sem a ajuda desse sindicato ligado aos patrões, porque se nós formos esperar desse sindicato, nós vamos deixar o pagamento a eles. Quantas vezes você foi na colônia? O pelego vai todo fim de semana. O trabalhador quer é luta, assistencialismo é coisa para enganar os trabalhadores.

Assinado: João Boiadeiro

O orelhão e a Braseixos

O Boiadeiro lutou e conseguiu através de abaixo assinado a colocação de um Orelhão dentro e fora da Braseixos. Agora que o Boiadeiro está fora eles tiraram que foi fruto e conquista dos trabalhadores através da luta. O orelhão teve instalado um bom tempo para uso dos trabalhadores, agora a Telesp a serviço dos gringos, para tirar uma vitória nossa, tirou o orelhão. E como disseram há pouco tempo: até os serviços públicos a serviço dos patrões. Queremos o orelhão de volta dentro da fábrica.

Ass. Trabalhador da Braseixos

Cimaf — Muito erro

É um absurdo o que está ocorrendo na Cimaf, uma total falta de segurança aos trabalhadores, a prova está aí: três trabalhadores que morreram dentro da fábrica, inclusive até empilhadeiras está virando moda atropelar trabalhadores, outro dia ela atropelou até o chefe Veloso, que é o maior boca suja, sem educação, puxa-saco, parece até que ele é sócio da Cimaf. As faixas de segurança não existem, as máquinas de solda de alta voltagem está sem segurança. Os cipeiros da Cimaf não podem fazer nada por falta de vontade da empresa, é incrível, cipeiro não tem voz ativa, é cipeiro só no nome, tem muito, mas não fazem nada. Os líderes da produção não têm voz ativa, eles para poderem encaminhar alguma coisa têm que consultar o Veloso animal bruto. A comida da Cimaf é barata, mas dado é caro, porque se repete a mesma coisa. A fábrica nova não tem sequer um vestiário, tudo errado, fizeram uma lista de compensação contrariando os trabalhadores, agora está para resolver no sindicato, mas não acredito porque é uma pelegada aliada ao patrão, todos assinaram contra, mas eles querem fazer o que eles querem. Tudo errado, para se fazer um empréstimo na Cooper-Cimaf é muita burocracia, tem negócio de conta de luz, quanto a gente gasta na compra, eles querem saber dos proble-

Eletricitários: Na hora da briga pesada

No ano passado o salário já não dava mais. Nem o vale-verde dava para o almoço. Ai resolvemos brigar para aumentar seu valor, mas a turma achou melhor lutar por salário mesmo. Paramos aqui em Santo Amaro, depois de pararmos o Jaguaré, o ABC, Osasco e todo mundo junto parou a empresa.

Fizemos seis dias de greve, passando noites no piquetes e no final acabamos aceitando aquela micharia. Este ano começamos a nos organizar para equiparar o salário dos eletricitários e aumentar o valor da dirigida, pois além de sermos eletricitistas também trabalha-

mos como motoristas, executando uma função a mais.

Mais uma vez a greve começou pela turma aqui de Santo Amaro. Paramos no dia 23 de março e exigimos uma resposta até o dia 20 de abril e ela não veio.

Então, numa reunião no dia 20 de abril no Sindicato, decidimos entregar a autorização de dirigir e fazer uma greve por tempo indeterminado, até termos a nossa proposta aceita pela Eletropaulo. Paramos no dia 21, mas no dia seguinte suspendemos a greve, com o compromisso de no prazo de 15 dias termos uma

resposta da empresa. O que esperamos é a aceitação da nossa reivindicação, mas temos medo que não seja dada alguma coisa com a mão e tirado com a outra, se o governo do Estado resolver acabar com a URP. Por isso, eu tenho medo que na hora em que a briga for mais pesada, a gente esteja cansado de fazer greves sozinhos e não conte com outros companheiros eletricitários. Mas eu confio na luta do operacional da Conde de Itu e de todos os trabalhadores da Eletropaulo.

Ass: Tonhão, eletricitista da Conde de Itu

Correios:

perseguições, doenças e arrocho salarial

Nós funcionários dos Correios e Telegrafos do Estado de São Paulo estamos sendo vítimas de perseguições e arbitrariedades por parte das chefias que dirigem a empresa — homens da pior espécie, escolhidos a dedo para manter o clima de opressão. O diretor responsável pelos correios em São Paulo, o sr. Edson Comin, faz vista grossa e não toma nenhuma providência, preocupado em manter uma falsa imagem da EBCT. Vários carteiros estão inutilizados para o trabalho sofrendo dores na coluna, bico de papagaio, varizes, etc, devido ao excesso de peso que somos obrigados a carregar. A mu-

lher que trabalha nos correios é desrespeitada e humilhada de todas as formas por chefetas que as obrigam a executar serviços braçais puxando malas de mais de 30 quilos de peso e trabalhando o dia todo de pé, gerando com isso vários problemas de saúde. Muitas dessas trabalhadoras têm filhos e quando precisam levar seus filhos ao médico são advertidas e punidas com suspensão. A mulher que trabalha nos correios é desrespeitada na coisa mais sagrada que o ser humano tem que é cuidar da sua saúde e da saúde de seus filhos. O único direito que têm os funcionários dos correios é não ter direito algum,

segundo as chefias. Por isto, carteiros, manipulantes, mensageiros, motociclistas e auxiliares os mais explorados, apelam para a solidariedade da população e das entidades sindicais para forçar a esse regime nazista que impera dentro dos Correios.

Pelo fim do arrocho salarial!
Pelo fim da repressão!
Por nossas famílias!
Por nossa dignidade!

Ass: Movimento de Organização e luta dos Funcionários dos Correios

Oposição aos pelegos, CUT nos patrões

O sindicato dos têxteis de Osasco e região é um sindicato formado por pessoas ligadas ao patrão, como o Jorge que é um presidente que não tem nenhum compromisso com o trabalhador, prova até nas demissões por justa causa que ocorre com os trabalhadores e o Jorge pelego faz a homologação no sindicato.

O pessoal está se organizando para fazer uma chapa que seja representada por pessoas combativas, e o pelego com os pa-

trões tentam de todas as formas desmobilizar a organização onde houve várias demissões com pessoas ligadas à CUT, mas o pelego está perdido, sabemos que tem outro pelego que tem interesse pessoal assessorando o Jorge, mas não vai adiantar, a

gente pede aos trabalhadores que se sindicalizem para poder votar na chapa da CUT no final do ano.

Até a vitória contra os patrões, o pelego Jorge e o pelego Toschi.

Assinado: João Boiadeiro

Os chefetas da Probel

Antes de iniciar estas linhas, gostaríamos, nós empregados da Probel — Vila Leopoldina, de agradecer a estes abnegados companheiros que compõem a direção do jornal O Corneta, a oportunidade que nos foi concedida para expormos nossa revolta diante dos fatos que vem acontecendo nesta referida empresa que trabalhamos: Probel da Vila Leopoldina.

Começamos por dizer que somos um dos piores salários da região, salários que perdem até para as tão faladas oficinas de fundo de quintal que atuam na região da Leopoldina. Um profissional na Probel que atua nas diversas áreas da empresa, tem vergonha de contar a seus amigos profissionais de outras empresas o quanto ganha por mês ou por hora, e às vezes ele chega até a inventar um salário que não recebe para não passar humilhação. Ora, se um profissional da Probel tem vergonha de seu salário o que dizer daqueles colegas que são ajudantes não especializados, estes comem o pão que o Diabo amassou.

Um encarregado na Probel ganha uma ninharia por mês, um líder menos ainda, agora dá pra imaginar o que sobra para os outros. Na Probel existem muitos funcionários antigos, uns já próximos da aposentadoria e outros já estão aposentados, e esses funcionários já vem de longos anos trabalhando mediante baixos salários são agraciados com uma capa de líder ou chefeta. Muitos deles se veem de baixo de uma capa esquecem o salário seus e dos companheiros e passam a virar a casaca.

O nível chega a ser tão baixo que na seção de pregos, existe um encarregado com nome de Railton, que recebe um bom ordenado só para dedurar companheiros de outras seções, este mesmo encarregado era, a tempos atrás peão igual aos outros. O seu mérito perante a gerência na pessoa do Sr. Vitorio foi alcançado na deduração, daí o cargo que detém hoje.

Lá na Probel existe uma certa panela encabeçada pelo Sr. Vitorio que é o gerente e o Sr. Valdomiro que é o chefe geral. Aqueles que fazem parte desta panela recebem sempre um aumentinho, se não pisarem na bola e aqueles que não fazem parte da panela, são esquecidos em ocasião de aumento.

Aqui na Probel cada meia dúzia de peão tem um líder ou encarregado, pois para fortalecer a panela é necessário que se aumente mais e mais o número de puxa-sacos. Quando algum funcionário pede aumento de salário ao seu encarregado, ele estremece nas bases, pois só de pensar em falar de aumento para o Vitorio, eles sentem até desenteria, dor de cabeça, etc... Ali os aumentos são concedidos quando o marajá Vitorio está de bom humor. Ai o marajá Vitorio pede uma lista para o seu ordenação, chefe a Valdomiro de alguns elementos que ele pretende dar aumento, ocasionando assim descontentamento geral, pois um passa a ganhar mais que o outro.

É necessário que alertamos os diretores dessa referida empresa para o fato de que lá existem muitas pessoas que nada fazem por merecer seu salário, pois nem qualificação técnica possuem para merecer o cargo de chefes ou líderes, pois lá estão para defender os interesses de chefes de panela. Se derem testes tecnológicos para muitos chefes e líderes que existem nas diversas seções da Probel, vai haver uma ausência em massa de puxa-sacos, pois vão todos pedir licença ou férias.

Na Probel existem bons profissionais em detrimento destes maus que lá comandam, mas não lhes é dada a chance de progredirem profissionalmente. Haja visto que em fins do ano passado foi nomeado para o cargo de líder da manutenção o Mané do torno. A gozação já se iniciou quando

dem capa lhe deram. Ele somente deixou de trabalhar no turno mecânico para distribuir serviços nas diversas máquinas. Já o estava apelidando de foguetinho de tanto que ele corria na seção. Depois de dois meses que o Mané estava de líder acharam que ele não tinha capacidade para comandar. E depois de humilhá-lo, imaginem o que deu, deu Mané pro torno na cabeça. Onde já se viu cometer tamanha humilhação a um funcionário que trabalha há 13 anos na empresa e que grandes serviços tem prestado à mesma na área de tornearia e manutenção. Os baba-ovos se deleitaram na desdita do Mané, mais o dia deles também há de chegar.

De todas as seções, onde tem mais afado é na manutenção, usinagem, seção de pregos e estoque.

Nota: foram despedidos da Probel para sossego dos painéis nossos colegas Faustão que atuava no projeto e Chico que atuava na expedição. Todos os dois foram denegridos por seus respectivos chefes.

E continuando, não devemos esquecer que tem nego na Probel ganhando mais do que os outros sem sequer fazer força mental ou física. Esses elementos em suas respectivas áreas só enrolam, deixando serviços para os que ganham menos terminarem. E esses elementos que ganham menos é que são os verdadeiros profissionais, pois os outros nem sabem ligar suas máquinas, pegar na caneta, ou assinarem seu próprio nome.

Nota: foi aumentado na Probel em 100% o valor da refeição e sabemos que está fora da lei, pois o aumento da refeição deve ser igual ou inferior ao aumento salarial. Vamos lutar companheiros para que regularizem o preço da refeição.

Tem uns chefetas da usinagem que nem sequer sabem o que fazem, nem sequer sabem comandar, não têm coragem de pedir aumento para os seus subordinados, e ainda ficam dando uma de bom só porque usam capa. Teste neles turma, pois logo colocaremos o nome deles nesse jornal.

Na manutenção tem dois baba-ovos que já derrubaram muita gente boa que por lá passou e não perdeu o vício, chegam até ao ponto de um dedurar o outro, eles acham que são os bons da bancada e não sabem nem ler desenho mecânico, um não vê a hora de se livrar do outro, se entra na manutenção um bom profissional eles dois querem logo derrubar. O Cabral que já passou por aqui bem pode dizer. No próximo número vamos dar os nomes desses dois safados. E teste neles também turma, vamos ver se eles conhecem mecânica mesmo.

Senhores da Probel-Leopoldina não queremos derrubar ninguém desta empresa. Só queremos que lá se faça justiça. Gostaríamos que acompanhassem o trabalho de cada um dos seus funcionários que lá atuam e avaliassem com o devido respaldo o mérito de cada um. Que destruíssem de imediato toda panela e discriminação funcional que lá existe. Que investiguem detalhadamente em todas as áreas, separando o joio do trigo, dando a cada um o valor que merece por competência profissional. Pois jamais seremos valorizados quando quem nos comanda atua numa área que lhe é totalmente desconhecida.

A Probel é uma empresa de grande destaque no mercado nacional, permitam que esta parte dos funcionários de sua empresa sediados na vila Leopoldina acreditem a competência dos seus diretores. Pois não é possível e nem admissível demitir-se tantos chefes de família em época de recessão, sem verificar quem deve ir ou ficar.

Assinado: Irmão Isaac
Companheiros da Probel, vamos ajudar esse jornal a sempre existir dando nossa contribuição

Cativeiro Santista Cativeiro

Companheiros, um pequeno relato das sacanagens dos corjas, dos imundos deste cativeiro, deste cativeiro que explora os trabalhadores, a grande maioria dos trabalhadores é mulher e gente de meia idade que trabalha no cativeiro por nome de Santista. A greve histórica organizada pelos próprios trabalhadores dentro da Santista que durou oito dias e não apareceu o sindicato, que é um sindicato ligado aos patrões e é o maior pelego da categoria têxteis, então os trabalhadores procurou a CUT, que apoiou o movimento de cabo a rabo, foi muito difícil porque os trabalhadores sabiam que os patrões são safado, mas os trabalhadores não sabiam que os patrões têm tudo que apoiam eles, desde a brutalidade da polícia militar, a repressão da polícia espancando trabalhadores, fazendo prisões, cortando fio de microfone, multando carro, não deixando pôr o carro perto da portaria, a polícia gastando bala atirando pra cima para intimidar os trabalhadores, assustando até mulheres grávida, não tendo o mínimo de respeito, tudo a serviço dos patrões. Não era todos, mas tem alguns policiais que pensa que pode abusar, eles se julgam melhores que os outros. Tinha um tenente que empurrava tudo que estava na frente, ele deveria estar revoltado pelo salário que ele ganha, e ele não pode fazer greve, então ele só pode reprimir os trabalhadores.

Agora, o que mais me impressiona é os descarados da empresa, sr. Ari dizem que é um cavalo, e o danado diz ser até dono da empresa. A Vanda é uma chefeta que parece uma bruxa branca e ficava na portaria parecendo as garotas da Av. Rio Branco, o Luis ficava parecendo gay e desmuntando com um binóculo na mão, o Vladimir outro safado, Luis Carlos sem vergonha, o Pipoca ficava fotografando trabalhadores, a mulher do Renatão dona bruxa velha, o Eurico safado, de férias a serviço do patrão com um binóculo ficava olhando as meninas que estavam cansadas e, às vezes ficavam à vontade, e o sa-

fado enchia os olhos no binóculo, e ia para o matagal, será que ele estava com dor de barriga, ou é outra coisa? O Joaquim safado chegou a ir na casa de trabalhadores fazer a cabeça para voltar ao trabalho. Os trabalhadores, depois que a greve foi considerada ilegal, estava cansado e resolveram refletir um pouco, dando um passo atrás para se organizar e dar dois à frente. Todos os trabalhadores já estão conscientes que a greve sendo legal ou ilegal essa justiça nossa é um carnaval ilegal para o trabalhador, é ele não receber a meia-hora, é ele não receber insalubridade, é ele fazer 48 horas semanais, é ele não ter salário fixo na carteira, é ele não ter estabilidade no emprego, é ele não receber o adicional noturno, é ele receber um salário de fome. Mas para os patrões e para a nossa justiça isso é ilegal. Os trabalhadores não estavam organizando para pôr fogo no cativeiro Santista, sim estavam reivindicando o que é justo, os mínimos direitos para ter uma vida mais digna, e os patrões que aumentam uma fábrica cada ano só vê o lado deles.

Tudo o pessoal do cativeiro Santista estão de parabéns porque parou 100% a fábrica só no turno da manhã que nos últimos dias, devido às pressões que era demais, estraram uns 5% do pessoal, mas aprenderam e viram como o patrão usa tudo contra os trabalhadores, os patrões tem tudo: o dinheiro, o governo, a polícia, a imprensa, até a justiça a seu lado, mas eles se esquecem que só têm uma coisa, e que nos temos, a nossa força de trabalho, sem isso, quando nós temos união, eles não são nada. E um recado a esses lacaios, patrões e diretores: é melhor vocês atenderem os trabalhadores porque são eles que produzem e que também dão a qualidade a seus produtos, que é produto de exportação.

Adiante companheirada do cativeiro Santista com a CUT, com o PT até à vitória!

Assinado: João Boiadeiro da CUT, do Corneta e vice-presidente do PT de Osasco.

Mensalidades altas no sindicato

Vários companheiros vêm reclamando do alto preço que o sindicato dos metalúrgicos de Osasco vem cobrando dos trabalhadores. Os Trabalhadores estão se desligando de ser sindicalizados, que é uma forma que os pelegos e os patrões vão gostar. Eu como oposição aos pelegos sujo aos trabalhadores que a gente faça um abaixo assinado numa campanha pra congelar a mensalidade no que está, pelo menos até o final do ano, lembrando que quando foi deliberado aquele tipo de aumento não estava presente muitos trabalhadores, quem mais tinha na assembleia era diretor, ou melhor, a pelegada mesmo que decide do seu ponto de vista. Quando for ter aumento nas mensalidades a gente deve decidir nas portas das fábricas, nos diversos horários. Minha sugestão é que os membros da oposição façam abaixo assinado na porta das fábricas e levem ao conhecimento dos pelegos o descontentamento da categoria.

Ass. João Boiadeiro

A arma dos trabalhadores é a organização

Os patrões não acreditavam na coragem dos trabalhadores. Os trabalhadores se organizaram e pararam, pois eles cansaram de ver tantas injustiças; os patrões roubando, enganando. Foi uma semana de paralisação, os patrões tremeram, quando viram a família parar. Eles tentam passar a imagem da Santista de Família, mas os trabalhadores já descobriram que família mesmo somos nós trabalhadores, eles são nossos inimigos que sugam nosso sangue, nossa força, nos exploram para aumentar as riquezas deles.

Os trabalhadores não conseguiram o que queriam, que era as reivindicações, mas aprenderam, porque viram quais são as armas dos patrões; que usando chefe, usam algum judas, para ficar no meio dos grevistas para tentar mudar a opinião que era a greve. Os trabalhadores sentiram a necessidade de se organizarem, porque o patrão tem tudo; a polícia vigiando a Santista, contra os trabalhadores, a repressão policial, comendo solta nos trabalhadores; os trabalhadores só tem uma arma: a organização, e forma obrigados a assitir tiroteio, bala sendo dispara-

da pra cima, no meio dos trabalhadores, sendo que, é dinheiro nosso que está sendo jogado fora, porque somos nós que pagamos o salário baixo da polícia.

Muitos dos trabalhadores nunca tinham feito uma greve e mesmo os que foram mandados embora saíam de cabeça erguida e consciente porque o patrão provou que a Santista é inimiga dos trabalhadores mandando embora sem direito trabalhadores com vinte anos de casa. Eu não entendo essa justiça. Ela é capenga. Tudo porque somos dominados pelo poder capitalista onde os trabalhadores não tem tempo de se organizar, os patrões tem tempo para comprar tudo. Os trabalhadores tem força para acabar com tudo que o patrão tem, mas os trabalhadores se organizam e reivindicam pacificamente e não são atendidos, humilhados. Os trabalhadores vão ter que a curto prazo tomar outras medidas, se organizar e ameaçar destruir toda a riqueza dos patrões depois reivindicar. Agora os pais de família que foram embora sem direito vão ter que debitar na conta daqueles que furaram a greve no último dia ou desde o 1.º dia.

Hoje os patrões tem tudo dinheiro, governo, ministros, a polícia, tudo do seu lado, a justiça que julga a greve ilegal. Os trabalhadores não puseram fogo na fábrica, como é ilegal? Para nós ilegal é ser mandado

embora por justa causa e ter que esperar essa justiça tartaruga. Ela sempre julgou ilegal, sempre vai julgar. Sempre foi capenga mas só fica do lado dos poderosos, pode ficar mas os trabalhadores vão se organizar e um dia vão mostrar para esses selvagens que eles não tem a força de trabalho que nós vamos estar usando um dia para tomar o que é nosso e que está na mão deles.

Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas não conseguirão deter a primavera.

João Boiadeiro

TRIBUNAL MARIA TEIXEIRA

Será apresentada pela primeira vez ao público, a adaptação em vídeo do Tribunal Maria Teixeira, promovido pela Comissão de Relações do Trabalho da Assembleia Legislativa de São Paulo, presidida pelo jurista Fábio Konder Comparato, que julgou simbolicamente os crimes contra a vida e a saúde dos trabalhadores. Ele se constitui num documento crítico das condições e dos agentes responsáveis pelos acidentes e moléstias profissionais, além de apresentar um quadro didático sobre o tema.

A exibição será na próxima quinta-feira, 5 de maio, às 20 horas, na rua do Comércio nº 22 (Centro), na sede do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Informações no telefone 884.4915.

Escreva para O Corneta

a notícia ao pé da máquina

Rua Barra Funda, 797 Cep 01152 São Paulo
Ribeirão Preto — Caixa Postal — Cep 14100

e mais cartas

Garcia 2

Companheiros,
Não dá para ficar calado com as coisas que acontecem na Garcia. Pasmem os companheiros das outras firmas. Quando era na velha Garcia, tínhamos 15 minutos de café com direito a descansar e tomar café sentado. Esse direito nos foi tirado sem a menor consideração. Parece que a direção da empresa já se esqueceu quem triplicou o seu patrimônio fomos nós com a nossa força de trabalho. Tanto contribuímos que até o convênio nós temos que pagar.

O uniforme, eles só nos dão botas e camisas. Será que eles querem que nós trabalhamos sem calças? Já está na hora da direção da Garcia ver com bons olhos a questão das faixas salariais. E os nossos extratos do Fundo de Garantia? Será que a empresa está depositando pontualmente? Nós não estamos recebendo os extratos. A empresa só paga horas extras fora do hollerith porque assim ela não precisa pagar férias e

13º sobre essas horas extras. E o restaurante que foi prometido? Pelo número de funcionários nós temos direito. A Garcia não paga refeições ou lanches. Outra coisa. Existem trabalhadores sem registro. A lei manda registrar em 48 horas e a firma fica 60, 90 dias, até 5 meses sem registrar. Tem também aposentados sem registrar. Estes não participam das lutas, mas quando a gente ganha, como no caso dos 10% da URP, eles se beneficiam também.

Companheiros! Olhem o que os cipeiros indicados pelos patrões, que nós elegemos porque não tinha alternativa, estão fazendo. Nada! Na próxima eleição nós temos que concorrer com candidatos nossos, de oposição.

Nós vamos ter que mostrar a nossa força de luta para a Garcia. Todos nós temos que nos empenhar em ser trabalhadores de vergonha na cara.

Assinado: Trabalhador da Garcia

Estudantes encostam Quércia na parede



Podem imaginar uma escola com 1500 alunos e que funciona direto em três períodos: manhã, tarde e noite, onde somente no período noturno são cerca de 700 alunos, ficar sem água em seus banheiros durante praticamente uma semana, e o único recurso dos alunos era continuar usando os banheiros pois não tinham onde fazer suas necessidades fisiológicas.

A situação chegou ao ponto dos alunos sentirem o forte odor dos banheiros dentro de suas próprias salas de aula de tão forte que era o mal cheiro, além dos riscos dos alunos que frequentaram os banheiros e correram riscos de pegar uma hepatite ou outra doença do gênero pelo péssimo estado de higiene que a coisa chegou.

Chegou ao ponto de não se ter água nem para beber.

Vendo a seriedade da situação, os representantes de classe juntos com os membros do grêmio estudantil "Força Jovem Estudantil" (ainda em formação no colégio Alarico Silveira) resolveram tomar uma atitude mais séria diante do imobilismo da direção da escola. Resolveram chamar os alunos para uma assembleia, na qual determinaram que abandonariam as aulas enquanto a situação não fosse resolvida.

A justificativa da direção é que houvera problemas com a bomba de água e que o conserto ficaria em torno de Cz\$ 60.000,00 e a APM não teria condições de assumir os custos. Mas então os alunos questionam e discutem: "Para onde vai o dinheiro que a associação cobra do aluguel da quadra de esportes?" (que aliás não é barato). Além disso, a direção reclamou do fato de só dispor de somente duas serventes para cuidar da limpeza do estabelecimento nos três períodos.

Em passeata no dia 13 de abril, os alunos resolveram chamar a aten-

ção das autoridades pela imprensa e impediram durante horas o trânsito na esquina da R. Barra Funda com a R. Conselheiro Brotero, conseguindo atrair uma equipe da Globo até a escola, onde a direção da escola impediu a entrada da equipe de reportagem e da imprensa em geral.

Durante o movimento, os alunos foram unânimes em afirmar que as responsabilidades eram da 12.ª Delegacia de Ensino ligada ao governo do Estado. Governo do Estado este que só se preocupa em utilizar o dinheiro público visando a sua campanha à presidência da República, gastando o nosso dinheiro em propaganda de obras que são inauguradas mais de uma vez. Pagando espaços caríssimos na TV em horário nobre alcançando os lugares mais distantes do país, e se esquece que um governador tem que zelar pelas necessidades do seu povo, ou pelo menos cuidar da manutenção das escolas de seu estado. Os alunos chegaram à conclusão que o governador só cuida da sua população estudantil quando está em campanha eleitoral ou quando faz suas propagandas, porque em sua administração nada disso acontece.

Os efeitos das manifestações logo foram sentidos; com a rápida solução da questão da água um dia após das manifestações.

Dando a nítida impressão de como são tratadas as coisas públicas pela nossa administração estadual.

Tão representativo foi o movimento que até a merenda escolar que não tinha entrado na pauta de reivindicação passou a partir de então a ser servida regularmente.

Os estudantes do Alarico Silveira com esta grande vitória tiveram a clara demonstração de que contra o poder a maior resistência é a mobilização.

Jaguaripe: Só promessas

No bairro Jaguaripe, em Osasco está muito difícil, como foi dito em outro número do Corneta, a rua parece um corredor cheio de buracos, matagal, ratos, e vítimas pulando para dentro de casa para escapar dos ladrões. E, o vereador do bairro, que é do PTB mudou de bairro depois de eleito, agora continua de mal a pior. E continua mesmo, os raposa velha, cara de pau, e o vereador que era do PTB, PDS ou arena, Chico Rossi agora pulou para o PSP, mas todos sabem que é direita da cidade, e na hora vai unir-se com o Rossi que, vota em proposta do centrão e os moradores sabem que agora é ano eleitoral, e eles vir fazer promessas.

Mas, os raposa-velhas estão sujeitos

com o povo do Jaguaripe. A Avenida Capstrano de Abreu continua careador de café, e todos já sabem que aquele que segura a mão de Deus está penetrando para enganar o povo, que é o conhecido do PTB, do Jânio, mas agora não vai enganar: é partido dos poderosos, dos Ermirios da vida, como todos sabem são PTB, PMDB, etc. Barco furado tem que afundar em 15 de novembro.

Ainda perguntamos, onde estão os carros "Opala" da polícia, que quase não serve aqui no Jaguaripe para a segurança dos moradores? Devem estar na porta das fábricas protegendo os patrões, ou despejando os ocupantes de terra, como vem ocorrendo.

Assinado: Morador do Jaguaripe.

A luta por moradia na Mooca

Em vários bairros da Zona Leste de São Paulo - Vila Carrão, Moóca, Belém, Água Rasa, Vila Formosa, São Mateus, etc - a população tem sérios problemas de moradia. Para se ter uma idéia, um quarto de 3 x 4 m é alugado por Cz\$8.000,00 e grande número de famílias é obrigada a morar em cortiços.

Esta semana, "O Corneta" foi entrevistar o pessoal do Movimento dos Quintais da Moóca, que juntamente com o Movimento do Sem-Terra da Zona Leste I ocuparam em 20 de fevereiro deste ano, um terreno no Jardim Colorado. Cerca de 600 famílias participaram dessa ocupação e cada bairro construiu um barracão coletivo para seu grupo. Tudo é coletivo nessa ocupação, inclusive as decisões. Cada ação decidida é discutida nas reuniões dos barracos, na assembleia de todos os barracos e finalmente na coordenação geral. Hoje o movimento teve uma vitória: conseguiu que o governo Quércia decretasse o terreno (de 116.000 m²) do Jardim Colorado,

área de interesse social. O que significa isso? Significa que o governo se compromete em desapropriar essas terras e vendê-las à população com financiamento. O pessoal do movimento quer também que o governo financie o material de construção e que as prestações não ultrapassem 20% do salário mínimo.

No momento outras tantas famílias da Zona Leste aguardam que o governo também decreta a prometida desapropriação de outro terreno imenso, o da Fazenda da Jita. Parece que nesse caso, como tem sido a rotina, tudo depende da capacidade de organização e resistência, enfim da luta do movimento popular pelo direito à moradia. Para o governo Quércia, é lógico, é politicamente mais interessante pagar a caríssima propaganda na TV GLOBO sobre a construção de casas populares, do que atender o mais rápido possível às reais reivindicações da população, nos locais em que ela tem mais necessidade.

Denúncias dos vereadores do PT - São Paulo

A Bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara Municipal de São Paulo tem denunciado constantemente o Prefeito Jânio Quadros e os Vereadores que lhe dão sustentação como responsáveis pelo descrédito por que passa a Câmara.

Assim é que durante este ano, das 30 sessões ordinárias realizadas, apenas nas duas primeiras houve "quórum" para a discussão e votação de Projetos na "Ordem do Dia". Nas outras 28 sessões os Vereadores janistas se ausentaram do Plenário e as sessões foram encerradas, pois são necessários 17 Vereadores presentes para que as mesmas tenham continuidade. As bancadas do PT e PMDB estão sempre em plenário, mas não tem número suficiente para garantir que os projetos sejam votados.

Desta forma, os projetos são aprovados por "decurso de prazo", instrumento criado pelo autoritarismo para amordaçar o Poder Legislativo.

Neste ano já foram aprovados 48 projetos enviados pelo Executivo por decurso de prazo. Destes, 4 projetos autorizam o Executivo a contrair empréstimos no valor de US\$ 269.000.000 (duzentos e sessenta e nove milhões de dólares). Foram aprovados, também por decurso de prazo, vários projetos concedendo uso de áreas municipais a várias entidades. São aproximadamente 10.000 m2 cedidos ao Ministério da Marinha, APAE, Lions, etc. Ao mesmo tempo que a população mais carente é expulsa cada vez para mais longe do centro, várias áreas municipais são cedidas de acordo com os interesses dos poderosos do Ibirapuera.

O uso do decurso de prazo, por outro lado, impede que sejam colocados em pauta projetos de autoria dos Vereadores.

Assim, projetos importantes como o apresentado pela Bancada do PT propondo a estatização do transporte coletivo em São Paulo; projeto propondo a anistia aos servidores municipais punidos pela participação em greve; projeto proibindo o "chiqueirinho" nos ônibus da Capital (ambos de autoria de Vereadores do PT); projeto proibindo o depósito de lixo radioativo em São Paulo e uma série de outros projetos estão paralisados, sem condições de entrar em pauta.

O PT responsabiliza, também, a Nova República, pois se houvesse vontade política o Congresso Nacional poderia, de há muito, ter tirado da Constituição atual a figura monstruosa do decurso de prazo.

Daí a importância da denúncia persistente da política do Prefeito e de seus vereadores para que a população possa estar informada corretamente sobre os demandas que ocorrem na Câmara e seus verdadeiros responsáveis.

Se a Câmara sofre hoje um processo de desmoralização, isto se deve ao Prefeito e aos Vereadores que lhe dão sustentação.

São Paulo, 15 de abril de 1988.
BANCADA DO PARTIDO DOS TRABALHADORES NA CÂMARA MUNICIPAL DE SP.

- (a) Cláudio Barros Gomes
- (a) Iredê Cardoso
- (a) João Carlos Alves
- (a) Jucelino Silva Neto
- (a) Tereza Lajolo

Mobilizar, Organizar, Lutar!

Companheiros,
Como dissemos no último número, "os operários vão à greve, e voltam como se nada houvesse acontecido. Muita agitação, pouca mobilização e nenhuma organização".

Algum tempo se passou, muita água rolou sob a ponte! Na constituinte continua a antiga reza: "para os amigos tudo, para os inimigos a lei". Quer dizer: para os capitalistas tudo, para os trabalhadores "a lei", ou seja, nada.

A situação continua ruim, decai o nível da classe média e com ela a do proletariado.

Organizar melhor as greves, construir comissões de fábrica,

fazer a unidade entre as comissões, fazer o mesmo trabalho no campo, com os bóias frias, criar o comando trabalhista em todo o país, ou seja, as milícias trabalhistas.

Tal nossa idéia do "Que Fazer".

No entanto, a catástrofe se aproxima, um governo desacreditado, onde todos reclamam, todos dizem: "não presta". Mas no entanto, ninguém faz nada, absolutamente nada. É preciso lutar, dizer a verdade por mais amarga que seja. Mobilizar, organizar, lutar.

Continuaremos no próximo número.

Assinado: A. C. Samy

Garcia Uma Metalúrgica de Osasco

Companheiros,
há cem anos a princesa Isabertava os negros dos gri e da chibata"

História resumida e de conhecimento de todos, o resto é de fácil imaginação, o lado social da coisa que nos é legado até hoje. Deixaram os escravos sem um lar, emprego e mínimas condições de sobrevivência, com liberdade vigiada. Apenas aqueles que caíram nas graças ou são puxa-sacos dos patrões (há cem anos) tiveram uma melhora, continuaram no emprego, têm casa e comida.

Isso ainda acontece. Dentro das leis nós temos direitos, mas apenas no papel, porque dentro de uma indústria a história é outra: sem segurança, higiene, condições de trabalho, restaurante, salários compatíveis com o cargo e conhecimentos, chefetas sem a mínima noção do car-

go que exercem (apenas pegaram o cargo porque são e foram grandes puxa-sacos), horas extras fora do hollerith, assistência médica dentro da empresa, e o sindicato, apesar de saber de todos estes problemas, não toma providências, só quer a mensalidade em dia e a contribuição sindical (ah, se não fossem as piscinas e os atestados médicos!).

Só aqueles que se desmancham em sorrisos quando avisam qualquer chefeta e pucham o saco, mesmo sem nenhuma qualidade, progredem.

Pretos, brancos, amarelos ou vermelhos: apesar das leis, o racismo está aí, somos meio-escravos, salvo exceções como os exemplos citados acima. Mas nós (peões honestos) temos dignidade, vamos esperar uma melhora.

A nós todos.

TRABALHO ESCRAVO NO CORREIO E MUITOS ABUSOS

Nós, funcionários da ECT, vimos por meio desta denunciarmos esta empresa que está virando um banco de sugar sangue, os funcionários não aguentam mais tanta repressão e tanto abuso.

Esta empresa vem abusando de todas as formas e de todas as maneiras: é os funcionários que fazem horas extras e não recebem um centavo, ela adultera os cartões de ponto, os funcionários chegam a fazer duas e até três horas extras diariamente e não recebem, quando algum funcionário chega depois de seu horário normal os chefes pegam o cartão de ponto e marcam a caneta o seu cartão como se o funcionário chegasse às 17:20. Assim eles evitam que os funcionários registrem as horas extraordinárias no ponto.

Além disso, a empresa vem abusando o máximo que pode dos funcionários, muitos são obrigados a fazer o serviço de duas ou três pessoas, principalmente os carteiros que trabalham nas regiões afastadas do grande centro, são carteiros que trabalham com um peso de 30 a 50 quilos correspondência nas costas, andando em média de 30 até 50 ruas por dia.

Essa empresa ainda teve a ousadia atrasar os salários dos funcionários no mês de março. Ela soltou a folha de pagamento na quarta-feira, depois os bancos ficaram fechados e os funcionários só receberam no dia 4 de abril, isto é o fim da picada.

Além do mais, o vale-refeição dos correios é de apenas Cz\$ 100,00, não dá nem para um prato de comida, no tempo da escravidão também era assim, os escravos eram obrigados pelos senhores de engenho a trabalhar feito burros de carga e não tinham direito a carteira registrada e nem a uma folha de pagamentos, nos correios modernos os funcionários não tem direito nem a um prato de comida, e a população sabendo disso oferece almoço e lanche aos carteiros, que trabalham com fome o dia todo porque o Cz\$ 100,00 do vale-refeição não dá nem para um lanche.

O correio do Sarney e do Magalhães deveria tomar vergonha e comparar o vale-refeição dos correios e da Eletropaulo. O vale-refeição da Eletropaulo atual é de Cz\$ 330,00 e dos correios Cz\$ 100,00 - isto é uma esmola.

Governo Sarney: tudo pelo social!

Assinado: Funcionário da ECT

NOITE DO ACHÉ

A Escola de Samba Camisa Verde e Branco convida os companheiros para a Noite do Aché, dia 13 de Maio. A festa será na noite de 13 de maio local: Rua James Holland, na quadra da "Camisa Verde e Branco"

Assucen: Companheira perseguida

Companheiros,
Infelizmente, para nós do Partido dos Trabalhadores, temos que denunciar estas atitudes tomadas por um presidente da associação ASSUCEN, que se diz ser de esquerda e que é do atual PC do B, aquele mesmo que se aliou em 86 com o PMDB ou Quércia. O nome do indivíduo é Carlos Frederico, conhecido como Fred. As sacanagens que ele vinha cometendo com a companheira com baixas calúnias só por ele pertencer ao PT e ele por ser homem vinha fazendo muita pressão psicológica sobre a companheira Cleide Dantas de Oliveira, usando então dos mesmos atos da direita, ou seja, levar ao extremos tal pressão, fazendo-a desis-

tir do trabalho enquanto diretora desta entidade.

Que esquerda é esta? Talvez do Luís Antonio de Medeiros, do sr. governador O. Quércia, a quem apoiou com tanta firmeza; mas até quando vamos tolerar a não firmeza ideológica de certos setores da esquerda?

Chega companheiros! Esta companheira todo o nosso apoio e que esta denúncia venha fortalecê-la ainda mais, pois a luta continua, neste espírito de luta, sempre em direção aos trabalhadores que continuam sendo massacrados por meio de salário e condições de vida.

Assinado: João

Problemas no Jardim Bela Vista

Moradores do Jardim Bela Vista criticam e dizem que o Parro é demagogo, que é igual o Quércia, faz muita propaganda do pouco que faz. O homem só promove festa, a gente lembra bem que quando o povo estava sendo jogado pela polícia, sendo despejado da área do latifundiário Paulo Vellozo, o Parro fazia festa e devia estar pagando uma grana alta aos artistas da TV na inauguração de uma pequena obra que ele tinha feito mas que era o povo que tinha pago. O Parro faz festa até para inaugurar calçada. Então grana alta como essa deveria estar sendo aplicada nos projetos casa-para-todos, então dizem que na Bela Vista não falta nada. E engano, até pra se colocar uma lombada na rua a população precisa estar fazendo abaixo assinado e muitas pessoas aqui da Bela Vista são inquilinos que pagam aluguel e muitos estavam lá na terra do latifundiário Paulo Vellozo deste bairro que dizem ser nobre. E demagogia, esta cheio de trabalhadores que estão para ser despejados e agora a gente pergunta para o PMDB, pro Parro, onde está projeto casa-para-todos? O projeto é mansão pro Parro casas para os amigos dele, não para todos. O governo do mesmo par-

tido PMDB é campeão de inaugurar placas. Aqui nós moradores do Bela Vista de Osasco vemos diferença, o PMDB e o Parro são campeões de festa, as vezes o trabalhador sem consciência vai nas festas promovidas pela cúpula do Parro, vai até com fome. A gente aqui do Bela Vista vê que é duro pois a baixaria que houve na convenção do PMDB, o prefeito atrasa o pagamento, sem dizer nos baixos salários. Como que o PMDB gasta quase dez milhões só na convenção inaugural desta campanha? Então a gente vê, sabe que ele é igual a outro que segura nas mãos de Deus para enganar o povo, ele não tem nada de progressista, ele é enganador. Estão sendo descobertos outros tipos de Marajás, pessoas que ganham salários altos sem nem conhecer o serviço, é o novo marajá do Parro, também conhecidos como fantasmas. Já foram levantados os nomes de 89 pessoas, como o Papão, o primo Bonzeguini, que já foi prefeito e outros que ganham bem e não trabalham. O pessoal do núcleo Jardim Bela Vista vai começar a denunciar a pouca vergonha e o que falta no bairro.

Ass. Pessoas do Núcleo do Jardim Bela Vista

Oh Barra! Que barra!



Temos nos acostumado a tudo. Primeiro lotearam suas terras, canalizaram seus rios, construíram algumas casas, depois algumas fábricas, cortaram você com ruas, estrada de ferro, avenidas, mais tarde o minhocão, passarelas, pontes e no fim o metrô. Mas, justificaram - "é o progresso".

Muitas vezes nos perguntamos, que progresso é este? O verde se foi, seu ar não é respirável, a água nos chega através da torneira (isto é, quando conseguimos pagá-la), perdemos o largo onde passeávamos. Nossas crianças já não brincam nas ruas. Os vizinhos não mais se conhecem, levados pelo ritmo alucinante do trabalho diário. Assim fomos perdendo tudo e ao mesmo tempo a nossa história foi se apagando de nossa memória.

Muitas vezes o bairro é lembrado e aparece em manchetes de jornais policiais, ou em projetos eleitorais (caso do minhocão e do metrô), outras vezes, aparece em artigos saudosistas que lembram "grandes personalidades" que aqui viveram e raramente aparecem as pessoas que aqui trabalharam e trabalham na sua construção. Quando estas são

lembradas, o são de maneira depreciativa, vendendo uma imagem negativa dos que gostam de samba, cachaca e camandôble - instrumento utilizado para diferenciá-los e separar as pessoas. Nos parece que a questão está aí.

Quando as pessoas são apagadas da história, não há porque pensar que precisamos comer, morar, ter saúde, lazer, educação, convívio humano, etc. Surge então uma série de questões: quem são essas pessoas? em que condições vivem? qual seu papel na construção do bairro? Temos que recuperar sua fala, ver seus rostos, sentir seus corpos. Saber se as ruas e avenidas foram abertas para lhes servir ou para que elas pudessem servir a outros? O Memorial da América Latina será ferromentado pela sua população? E o grande shopping construído pelo Grupo Marazzão será que teremos condições de ir lá comprar? Mas, uma resposta já temos, a especulação imobiliária está aí e um quarto no cortiço está custando de Cz\$ 8 a 10.000,00 de aluguel.

Vamos recuperar juntos nossa História, através do CORNETA.
moradora da Barra Funda

Sindicalismo e Política

Só a organização dá resultado

Entrevista — Movimento de Oposição Sindical

Da nossa reportagem local

Correia — Que avaliação vocês fazem do desenvolvimento da Oposição Sindical após as eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo?

Geraldo — A eleição teve dois pontos positivos. Um foi de não ter sido uma composição de neutralidade, de ter saído como oposição de verdade, com apoio crítico à chapa 2, existiram posições divergentes mas venceu a posição majoritária do MOMSP. Nós entendemos que esta posição foi correta, porque não senão hoje nos teríamos que arcar com a responsabilidade do Luiz Antonio estar no sindicato. Depois das eleições, com o Luiz Antonio no sindicato, que é o cara que está representando a proposta dos patrões, que mete o pau na política na porta da fábrica, política entre aspas, porque ele está sempre em Brasília com o Sarney, se reunindo com a FIESP, conversando com o Mario Amato. Em outras palavras, nós temos hoje um representante dos patrões no sindicato, um elemento extremamente prejudicial à classe trabalhadora, pior que o Joaquim.

Correia — Que resultados vocês estão vendo no "sindicalismo de resultados" do Luiz Antonio?

Geraldo — O sindicalismo nasceu com esta proposta, procurando melhorar o padrão de vida da classe trabalhadora, então esta proposta é mais velha do que andar pra frente. O que o Luiz Antonio está dizendo é que ele tem que negociar com o patrão e...

Correia — ...nós vamos concentrar a nossa força, a partir de agora, em função da organização do local de trabalho...

...nós vamos concentrar a nossa força, a partir de agora, em função da organização do local de trabalho... aceitar a proposta deles, aceitar o arrocho, ser contra a estabilidade no emprego, dizer que trabalhador não deve participar de organizações políticas e, no entanto, ele sai no programa do PFL.

O sindicalismo de "resultados" na base metalúrgica de São Paulo não teve nenhum resultado, a não ser a ameaça de tirar a URP que os trabalhadores têm direito, não teve resultado nenhum. Não existe organização de base e se não existe organização de base não tem resultado. Não é o sindicato que dá o resultado, o que dá o resultado é a organização no local de trabalho. Se em São Paulo a nossa categoria está desorganizada e a prova disso foi a eleição do Luiz Antonio, que resultado nós estamos tendo?

E, agora voltando a primeira questão, nós estamos retomando a velha linha da Oposição, que é a organização do trabalho de fábrica de comissões e de grupos de fábricas. De certa forma a gente esteve trabalhando em dois patamares, na organização e na questão mais geral do movimento em si, a nível da CUT. Então nós vamos concentrar a nossa força, a partir de agora, em função da organização do local de trabalho e vamos acumular em cima disso, essa é uma decisão da assembleia da oposição. Nós estamos entendendo que, se aqui em São Paulo a gente não conseguir organizar a categoria para mostrar que o Luiz Antonio é um agente dos patrões nós estamos perdidos, e isso só vai ser possível através da organização, porque ele tem acesso à grande imprensa e consegue passar uma imagem que não é a que existe dentro da fábrica, a imagem da opressão e da exploração. Ele vai para a TV e defende as propostas dos patrões contra a estabilidade e, ao mesmo tempo, os patrões demitem em massa. Nós estamos retomando o nosso trabalho concentrando nossa energia na organização de comissões e de grupos de fábricas.

Correia — Existe uma discussão que diz que a proposta de sindicalismo do MOMSP é diferente da pro-

Sabesp: alerta dos trabalhadores de lá

Os companheiros Vandei Nunes, que é da atual diretoria do Sindicato da Purificação (Sabesp e Cetesb) e o companheiro M., que é funcionário da Sabesp, contaram em entrevista ao "O Correto" como está se encaminhando a campanha salarial da categoria. Fizemos também uma série de denúncias que explicam muitos dos problemas que a população tem ultimamente com a Sabesp. A seguir reproduzimos alguns trechos da longa conversa que tivemos com os companheiros.

Correia — Quais as principais reivindicações da campanha salarial de vocês?

Vandei — A nossa principal reivindicação é a reposição das perdas salariais que a gente teve de maio a maio; um aumento real de salário que está em torno de 15%. Isso foi tirado num encontro na Bahia, dos trabalhadores de águas e esgotos, é a nível nacional que a gente está pedindo isso. Estamos preocupados também com a moralização da empresa. Como ela é uma estatal, de economia mista, o patrão é o governo, o governo do Quêrcia, que enche a empresa de cabos eleitorais, pessoas que não tem compromisso em trabalhar, os famosos paraquedistas que entram e ocupam o lugar de companheiros que trabalham há 10 ou 12 anos. Isso revolta o pessoal.

Correia — Como está a situação da peçoza da Sabesp hoje?

M. — O pessoal que a gente tem hoje trabalhando como ajudante tem no mínimo 10 anos de casa, porque é pessoal que fica lá, não tem nenhuma possibilidade de vislumbrar um futuro dentro da empresa, é o pessoal menos alfabetizado e tem dificuldades por isso. Por exemplo, se o cara vai fazer um teste para mecânica e é excelente mecânico, não passa no teste escrito, coisa que não vai precisar. E continua a ser ajudante, fica trabalhando na vau ou ajudando de mecânico e recebe salário de ajudante. Então é essa a situação na Sabesp do pessoal da vau, como a gente fala. O pessoal novo que entra dificilmente vai pra picareta, pra vau. A gente tem de fato o que entraram 3.000 na Sabesp de deva-

posta do pessoal do ABC. Você concorda com isso?

Geraldo — Na verdade a proposta de São Bernardo é a proposta de sindicalismo que ele deve ser, isto é, o sindicato está reivindicando, está brigando em função de organizar os trabalhadores e conseguir o que é de direito dos trabalhadores, aumento, etc. O que o MOMSP propõe também é um sindicato desse tipo, ou seja, um sindicato de oposição. Agora, aqui em São Paulo nós temos uma tradição de oposição, nós somos oposição desde 64. Durante esses vinte anos nós acumulamos muita experiência, nós politizamos muito mais do que alguns companheiros de São Bernardo, que tem o sindicato na mão. Daí essa discussão sobre o tipo de sindicalismo ser mais teórica, se o sindicato é revolucionário ou não é. A princípio o sindicato deve conseguir, para os trabalhadores os seus direitos, para reivindicar e ter uma força de base que consiga transformar em realidade suas reivindicações. Esse é o sindicalismo pelo qual nós estamos brigando. Evidentemente que ao fazer esse sindicato nós estamos considerando uma certa consciência política, afinal de contas o sindicato defende uma classe, que é a classe trabalhadora, e a classe trabalhadora é uma classe explorada, a outra classe, a classe patronal faz política. Por que nós não podemos fazer política também? Nós fazemos política, mas política de trabalhadores.

Acredito que não existe divergência, o que existe é um debate em torno do papel do sindicato, que não interessa muito nesse momento. O que nos interessa é uma organização de base, e quanto mais crescer esta organização e a consciência do trabalhador melhor porque o nosso futuro não vai ser só de ficar reivindicando aumento, nós vamos querer participar da sociedade que a gente constrói. É uma questão que está colocada, eu não vejo divergência com o pessoal do ABC.

Correia — O que é o Cedro (Centro de Defesa das Representações Operárias), e qual é a sua proposta?

Geraldo — O Cedro é um conjunto de advogados que a gente conseguiu organizar através de propostas que defendem os interesses dos trabalhadores com representação na fábrica como Cipa, Comissão de Fábrica, etc.. Essa proposta surgiu em função de uma necessidade específica nossa, primeiro porque nós não poderíamos contar com a assessoria do departamento jurídico do sindicato para esse tipo de ação jurídica de reintegração.

Então nós contratamos alguns advogados que são militantes também, e que entenderam essa proposta como uma proposta justa. Que de-

...o nosso futuro não vai ser só de ficar reivindicando aumento, nós vamos querer participar da sociedade que a gente constrói".

...o nosso futuro não vai ser só de ficar reivindicando aumento, nós vamos querer participar da sociedade que a gente constrói".

...o nosso futuro não vai ser só de ficar reivindicando aumento, nós vamos querer participar da sociedade que a gente constrói".

entrevista com o Lúcio da Autolatina (Ford-Ipiranga)

Da nossa reportagem local



Lúcio

centrais sindicais, e foi devido também às próprias divergências do movimento sindical e alguma divergência existente no próprio interior da CUT. Porque, eu tenho dito o seguinte: a gente tem que entender que o papel de uma central sindical e do sindicalismo não é um papel revolucionário de transformação social, queiramos ou não, por mais combativo que o movimento sindical possa ser, por mais combativos que sejam setores do movimento sindical, o sindicalismo é reformista por excelência; e a partir dessa premissa, partindo desta visão, ou a gente aprende a trabalhar em frente ampla, aprende a instituir frente de trabalho que leve você poder mobilizar a classe trabalhadora como um todo, ou iremos ficar sempre nos apresentando como partitulos do movimento sindical, como tendências políticas que o confundem inclusive sindicalismo com política partidária. Mas, acredito que a CUT, a nossa central sindical, ela está hoje conseguindo se desvencilhar desse tipo de coisa, está conseguindo colocar com maior clareza os seus próprios posicionamentos junto à classe operária, à classe trabalhadora, acredito que vai avançar muito nesse terreno e que também companheiros do PT (Partido dos Trabalhadores), estão também entendendo que a CUT é uma central sindical e o PT é um partido político de massas, aonde as coisas podem até caminhar juntas, mas elas não podem se confundir em momento algum, quer dizer, cada um tem o seu papel, cada um tem as suas responsabilidades junto ao movimento operário, junto ao movimento social deste país.

Correia — Então enquanto membro do PT como você vê a política sindical do partido?

Lúcio — Olha, veja bem uma coisa: acredito que a política sindical do partido sofre uma espécie de confusão. Porque? Porque você tem que os militantes do PT, a sua maioria, ou a sua quase totalidade, são também militantes sindicais da CUT. Isso causa uma certa confusão, um certo embotamento do meio-de-campo. Mas, têm acontecido alguns debates, algumas discussões neste sentido, aonde é necessário ter claro o que é o partido, o que é a central sindical. Porque o partido, ele tem evidentemente a sua linha sindical e enquanto partido político, tem que atuar nos movimentos operários, nas lutas dos trabalhadores levando suas propostas políticas. Mas o que não pode ocorrer de forma alguma é que, ao você defender as propostas políticas do partido enquanto partido, você tente impor isso dentro da central sindical, você tem evidentemente que conciliar as propostas políticas com o programa de luta dessa central sindical independentemente de você ser petista. É evidente que você enquanto elemento político está dentro desta ou daquela central sindical, você, na defesa dessas propostas políticas, não pode querer ditar regras a essa central sindical, você tem que fazer a defesa dessas propostas e procurar conciliar isso com os trabalhos e com o próprio programa da central. Porque uma central sindical é uma espécie de frente do movimento sindical aonde você não tem apenas petistas dentro dele, você tem companheiros de outros partidos, você tem companheiros de outras correntes políticas, e aí é necessário se submeter a uma maioria dentro dessa central e ver qual a disposição de luta dessa mesma central, quer dizer, então aí nessa questão está havendo uma grande

confusão, aonde evidentemente, enquanto perdurar essa confusão a direita, as forças reacionárias procuram explorar essa confusão tentando colocar que o PT e CUT são a mesma coisa e não é nada disso. CUT é central sindical e PT é partido político para a transformação dessa sociedade. Então é necessário que nós tenhamos isso aí muito claro. Independentemente de ser petista, de militar dentro do partido político, de defender seu programa, também sou da direção nacional da CUT, mas com papéis diferentes. Posso estar defendendo as mesmas questões políticas, mas tenho que ter claro, a CUT não é o PT e o PT não é a CUT.

Correia — Que você acha dos acordos e conversações que Luiz Antonio, o presidente do sindicato, está fazendo com a FIESP, Quêrcia, etc., no sentido da elaboração de um plano nacional de salvação?

Lúcio — Bom, em princípio não sou contra o processo de conversações, contra o próprio processo de conversações. Veja bem, eu acho que você tem que aceitar que se pode negociar com Deus e com o Diabo, sem perder a sua independência. No entanto, o problema é que o Luiz Antonio não consulta a categoria e faz propostas e acordos, faz negociações sem qualquer consulta à categoria. E evidentemente, é mais necessário ainda que o Luiz Antonio consulte a categoria nessa negociação tem sido não com Deus e o Diabo, mas na verdade somente com o Diabo...

...o papel de uma central sindical e do sindicalismo não é um papel revolucionário de transformação social, queiramos ou não, por mais combativo que o movimento sindical possa ser, por mais combativos que sejam setores do movimento sindical, o sindicalismo é reformista por excelência".

São Bernardo: os resultados

(entrevista com Vicente Paulo da Silva (o Vicentinho) atual presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema)

Da nossa reportagem local



Assembleia Decisiva dos Metalúrgicos de S. B. Campo e Diadema - 9/4/88.

vista ao "Correto". O que foi possível realizar até agora nesse sentido?

Vicentinho — O que foi possível realizar até agora é a melhoria da nossa comunicação a nível dos jornais, do jornal diário e do jornal mensal. O jornal mensal tem uma tiragem de 80.000 exemplares e o diário, 30.000 exemplares dependendo da campanha. Quanto à revista, nós ainda estamos parados com ela. No primeiro trimestre fomos elaborar o primeiro número, mas estávamos em campanha e a coisa pegou fogo. A questão da rádio do trabalhador, estamos aí num processo jurídico, legal, e vamos tomar todas as medidas possíveis nesse sentido. Mas já estamos com a fundação da rádio e podemos dizer que tivemos no campo legal um avanço de 80% ao nível do nosso objetivo.

Correia — Quer dizer que a proposta de vocês avançou realmente?

Vicentinho — Avançou porque a política que a gente tinha naquele período era de formação de quadros e aí a gente teve um grande avanço. Primeiro nós conquistamos quatro Comissões de Fábrica novas; estamos dando um curso de formação básica para em torno de 600 operários por semana, que é o pessoal que faz o curso técnico. Já temos cerca de 80 companheiros que fazem cursos mais aprofundados, em cinco níveis. E nós já temos hoje 22 operários que são monitores, quer dizer que já dão aulas para outros operários. E a TV dos Trabalhadores hoje é operada pelos próprios operários, e isso é importante para nós.

"Embora a imprensa não tenha feito alarde do nosso acordo, conseguimos muito mais do que São Paulo".

Correia — No "Jornal do PT" que saiu recentemente você escreveu uma carta em que dizia que o jornal deveria ser "gostoso de ler, com uma linguagem que todo trabalhador entenda", etc. Você acha que o "Jornal do PT" cumpria com essa expectativa?

Vicentinho — Esse foi o primeiro número do jornal, no primeiro número a gente sugere. Evidentemente, se a gente se propõe a ser dirigente de massa tem que ter a capacidade de ser igual à massa. E aí eu considero inteligente aquele que é capaz de pensar como os trabalhadores pensam, viver aquilo que os trabalhadores vivem. E como o trabalhador, infelizmente, tem os primeiros gestos da vida dele dirigidos pela burguesia, que tenta aliená-lo, que tenta levá-lo para outros caminhos, precisamos entrar nesse jogo e conscientizá-lo. Então isso faz parte do nosso projeto cultural: ter uma linguagem fácil de se compreender. Precisamos abrir mão de nos aprofundar em assuntos teóricos que não penetram na mentalidade do trabalhador. O que queremos é ter uma linguagem de acordo com o trabalhador. Como é ainda o primeiro número do "Jornal do PT" não podemos ainda analisar. Vamos aguardar.

Correia — Como você está vendo a questão da URP? Já foi congelada para os funcionários do governo federal. Alguns empresários parecem defender a URP, como o Mário Amato. Outros defendem a livre negociação. Você acha que a URP vai acabar para todos os trabalhadores?

Vicentinho — Em primeiro lugar, a nossa proposta é que se tenha um reajuste mensal automático de acordo com o índice inflacionário calculado pelo DIEESE. Entretanto nós não cometeríamos a loucura de imaginar que a URP não serve pra nada. A URP é um patamar mínimo. Sem outra alternativa como o aumento automático de acordo com a inflação, acabar com a URP seria um escândalo, seria um caos econômico no Brasil. Nós não concordamos com a extinção da URP nem para os trabalhadores do setor público, nem para o setor privado. Porque tem outro aspecto: o déficit público não vai ser resolvido através do arrocho salarial. O déficit público se resolve através de medidas moralistas, medidas de contenção de despesas e da própria mordomia do governo. Hoje o governo faz medidas imorais como salvar empresas como a Sharp e outras mais, todos esses escândalos que campeiam todo o Brasil, onde

o gasto público é uma coisa imoral. Prova disso é que vai ter mais arrocho de salário, como já está havendo, e aí terminar o período sem que acabe o déficit público. Além disso, o salário não é responsável pela inflação. A extinção da URP é um absurdo, é uma orientação do FMI.

Aí o governo inventa essa história de negociação direta, que é outra falácia, que é outra manobra para nos enganar. Primeiro que negociação direta não tem nada a ver com URP, uma coisa não tem ligação com a outra. Segundo, precisamos ver que a negociação também interessa a nós trabalhadores, entretanto no Brasil ela é falsa, ela é hipocrisia. No Brasil, o governo que fala da negociação direta não se preocupa em implantar os princípios da Constituição 87 que prevê sindicato livre, autônomo do Estado, do governo, etc. Negociação livre no Brasil é impossível com essas leis arcaicas, com uma estrutura jurídica trabalhista totalmente corrupta e descredenciada e com a força do capital do lado dos patrões. Então como nós vamos fazer negociação livre quando eles têm tudo e nós não temos nada? É como se a gente tivesse com o passarinho na mão e jogasse fora para buscar dois voando. Então isso é enganção.

"A TV dos Trabalhadores hoje é operada pelos próprios operários, e isso é importante para nós".

Correia — Como você viu as conversas entre Luiz Antonio, Magri, FIESP e Quêrcia, elaborando um plano para a conversão da URP e safadas para a situação nacional. A CUT é contra esse tipo de negociação?

Vicentinho — Não somos contra safadas para os problemas nacionais, nós queremos safada para o Brasil. Acho também que a CUT não pode ser contra negociar com quem representa efetivamente o poder no Brasil. Tanto é assim que a CUT está propondo, está entregando pauta para o governo federal, municipal e estadual e para as entidades sindicais patronais nos três níveis. Agora o que está acontecendo em São Paulo é que o Quêrcia é muito inteligente, ele está fazendo campanha pré presidência da República e como tem dirigentes sindicais que se contradiam a cada instante, que também têm interesses próprios ou que representam a vontade patronal, entram nesse jogo.

"Faz parte do nosso projeto cultural ter uma linguagem fácil de se compreender".

O próprio Luiz Antonio que fica falando que não participa de política, mas que está lá falando com o Quêrcia e apareceu recentemente no programa do PFL (Partido da Frente Liberal), o que é pior. Então realmente não acredito nessa conversa, acho que é mais um esquema de "marketing", é mais um esquema de propaganda, porque a classe patronal precisa que no meio operário tenha representantes dela, certo? Precisa ter dirigente de massa pra poder ter gente freando o movimento operário que historicamente tem uma proposta de transformação social. E nós não partilhamos com isso, nós concordamos com isso e está a razão de que muitas vezes o setor sindical da CUT é isolado. E se a CUT quiser aparecer na televisão é só começar a dizer: "nó, não tem que participar de política, patrão não é tão ruim assim, etc e tal".

Correia — Como estão hoje as forças de oposição na categoria metalúrgica de São Paulo?

Lúcio — Após as eleições houve uma certa paralisação, mas depois fizemos alguns encontros, alguns seminários, onde estamos procurando uma estruturação para a continuidade deste trabalho. Isto principalmente com as forças que a Chapa 2 trazia consigo e paralelamente a isso a gente teve contato sim com outras forças de oposição, aquelas que compuseram a chapa 3, e estamos aí com uma proposta de um trabalho conjunto em função da implantação do departamento dos metalúrgicos da CUT. Ainda temos alguns entendimentos embrionários, ainda estamos no início, mas tudo indica que dentro de pouco, não estaremos mais nos apresentando à categoria enquanto oposição, mas sim enquanto metalúrgicos do departamento estadual da CUT, departamento dos metalúrgicos da CUT.

Correia — Como está em particular a relação de vocês que representam a chapa 2 com o pessoal da chapa 3?

Lúcio — Olha, a gente tem conversado, tem se encontrado. Existem divergências de fundo, divergências estas que dizem respeito à concepção que cada uma das forças tem em relação à organização da própria central da CUT. Mas temos discutido para a construção do departamento sindical dos metalúrgicos da CUT, estamos jogando tudo nisso, e aí nesse campo o relacionamento com os companheiros da chapa 3 é um pouco difícil, porque não há esse entendimento. Mas, a gente acredita que à medida que fomos discutindo essas divergências poderemos superar e quem vai ganhar com isso é a própria categoria e a própria central sindical, a CUT. Volto a repetir, não é um relacionamento fácil, porque tem reflexos dentro da própria central, em termos de concepção de central sindical. A gente continua defendendo a tese de que, ou a gente entende concretamente o que é um trabalho de frente dentro da própria central sindical ou nós não iremos reforçar ou construir a própria central sindical; como também se nos mantivermos separados e distanciados a gente também dificilmente, em chapas diferentes, conseguirá chegar à direção desse sindicato.

Correia — Enquanto membro da CUT, como você vê a ênfase dada por essa central a questões como as da Constituinte, das eleições presidenciais e do mandato do Sarney?

Lúcio — Olha, veja bem: eu acho que no interior da central ainda está uma confusão muito grande em rela-

Correia — Como está hoje a situação dos metalúrgicos de São Bernardo? Desde que tomou posse a diretoria de que você faz parte, têm ocorrido muitas demissões nas fábricas? A base do Sindicato diminuiu? O salário real como está? Você poderia dar um quadro dessa situação?

Vicentinho — A nossa categoria chegou a ter um número mínimo de 110.000 trabalhadores. Em 80, tinha 140.000; em 85 chegou a 110.000; com a greve "operação vaca brava" pela redução da jornada de trabalho, mesmo no período do aprofundamento da crise o número aumentou 130.000. Hoje estamos com 150.000. Quanto às demissões, elas existem e são muitas. Quer dizer, existe um processo de rotatividade aonde em torno de 2% de trabalhadores rodam mensalmente na categoria. É por isso que o Sindicato está propondo o processo de contrato coletivo de trabalho, porque existe essa rotatividade de 3.700 em média por mês. Além do contrato coletivo de trabalho estamos propondo o chamado salário profissional.

Do ponto de vista da sindicalização, nós temos um dado surpresa. O número de sindicalistas aumentou bastante. Mudamos as mensalidades. Em busca de liberdade e autonomia do movimento sindical, nós mudamos a mensalidade para 1%. Isso foi a partir de janeiro deste ano. A nova metodologia de arrecadação, com a devolução do imposto sindical, e com grande campanha contra o governo, contra a federação e a confederação, aumentou o número de sindicalizados neste período: deram baixa 500 trabalhadores e entraram 6.000 significando que a categoria hoje está com 70.000 associados.

"O número de sindicalizados aumentou".

Sobre a questão dos salários, realmente este é um problema sério que a gente vive. O salário do trabalhador é archoado a cada instante, a cada medida que o governo está adotando. Ainda esta semana nós fizemos um acordo. Por exemplo, se a gente for analisar o que ocorre conosco e comparar com o que ocorre em São Paulo, então evidentemente tem uma diferença a nosso favor. Embora a imprensa não tenha feito nenhum alarde do nosso acordo, conseguimos muito mais do que São Paulo. Por exemplo, em São Paulo, enquanto os metalúrgicos pegaram 46%, nós aqui pegamos 50%; em São Paulo, pegaram apenas 10% de antecipação e nós 15% em novembro de 15% em fevereiro, o que dá 30% de antecipação para São Bernardo. Enquanto em São Paulo, pegamos 0,3% de produtividade, nós pegamos 5,18% de aumento real. Mas não quero ficar nessa comparação porque acho bobagem entrar nessa briga. C que é importante é que todo trabalhador ganhe bem. Então, no geral, é um pouco esse o quadro econômico difícil que estamos no momento. Por isso estamos mobilizando a categoria em função da política do arrocho salarial e ameaça de queda da URP.

Estamos fazendo assembleia nas portas da fábrica, porque a categoria já aprovou o estado de mobilização permanente contra essas medidas econômicas do governo.

Correia — Ao nível da organização, a atual diretoria tinha propostas particularmente na parte da informação: fazer uma revista, a TV dos Trabalhadores, etc... como você tinha contado em outra ent-

A LUTA MUNDIAL DOS TRABALHADORES

Fotos do Arquivo do CIMOP

A luta dos trabalhadores norte-americanos



Marcha de 10.000 trabalhadores em Pittsburgh (19/03/88)

Em Detroit (EUA), trabalhadores protestam contra o fechamento de fábricas



cas realizado pela GM, Ford e Chrysler e propõe aos operários americanos que eles devem apoiar candidatos à presidência dos EUA que defendam a guerra comercial contra os "inimigos estrangeiros".

Um exemplo máximo dessa charlatanice nacionalista da burocracia sindical americana ocorreu recentemente no editorial do jornal da AFL-CIO de Kenosha, Wisconsin, que comparava o fechamento pela Chrysler da fábrica de montagem da região ao "ataque secreto dos japoneses na 2.ª Guerra Mundial contra Pearl Harbour".

No entanto, apesar da burocracia traidora, as greves se multiplicam e a cada vez mais os trabalhadores dos EUA se convencem que os seus maiores inimigos são a

própria burocracia sindical de seu país, que em nome de um "sindicalismo de resultados", durante anos e anos impediu que a classe operária americana assumisse uma perspectiva internacionalista e revolucionária. Hoje, no entanto, esse sindicalismo "de resultados", conservador e corrupto, não consegue mais nem sequer sustentar as pequenas concessões dadas no passado pelos patrões. Hoje, a classe operária dos EUA começa a descobrir os seus verdadeiros inimigos — os patrões e seus burocratas sindicais — e também seus verdadeiros companheiros — os trabalhadores de todo o mundo. Por exemplo, neste ano greves quase conjuntas ocorreram na Ford dos EUA, da Inglaterra, do México e de Taiwan na Coreia do Sul. Adiante companheiros.

Nos EUA greves vem se sucedendo este ano particularmente nas indústrias automobilísticas, contra o constante fechamento de novas fábricas e a consequente perda de milhares de empregos.

A burocracia da AFL-CIO — a central sindical americana — para justificar o seu imobilismo traidor procura jogar a culpa nos trabalhadores estrangeiros. Diz às suas bases

que são os trabalhadores do México, da Coreia do Sul e de outros países latinoamericanos e asiáticos, os culpados pela decadência do nível de vida da classe operária americana. A burocracia da United Auto Workers — o sindicato da indústria automobilística — em particular, tenta usar o nacionalismo econômico para culpar aos trabalhadores estrangeiros pelo fechamento de fábricas

Mineiros ingleses continuam com força total



Arthur Scargill



Mineiros ingleses em um piquete (julho de 1984)

No início deste ano, Arthur Scargill, presidente da National Union of Mineworkers, o sindicato dos mineiros ingleses foi reeleito, obtendo 54% dos votos, contra 46% do candidato opositor John Walsh, de posições conservadoras, considerado favorito pela imprensa capitalista e apoiado pelos setores direitistas do Labor

Party (Partido Trabalhista).

A vitória de Scargill mostra que os mineiros ingleses continuam dispostos a lutar. Scargill dirigiu a histórica greve nacional de um ano que ocorreu em 1984 na Inglaterra e que foi a maior luta sindical deste século no país, só comparável à Greve Geral de 1926. Adiante companheiros ingleses.

Nova greve metalúrgica na Coreia do Sul



Mineiros ingleses em um piquete (julho de 1984)

No último ano, a já poderosíssima classe operária da Coreia do Sul conseguiu o reconhecimento dos seus sindicatos independentes torçando a ditadura militar a fazer concessões aos trabalhadores. Neste ano, diversas

greves no setor da indústria automobilística vem se repetindo. No fim do mês de março, por exemplo, os 4.500 metalúrgicos da Daewoo Motor Co. pararam a fábrica e exigiram 26% de reajuste salarial. Adiante companheiros coreanos.

A luta pelas 35 horas na Alemanha

Os trabalhadores da Alemanha Ocidental continuam a luta pela redução das horas de trabalho e propõe 35 horas semanais. Como colocam os companheiros da Alemanha, a única luta real para garantir direito ao trabalho é a luta comum nacional e internacional pela redução das horas de trabalho. Adiante companheiros da Alemanha.



Trabalhadores alemães em assembleia (17/2/88)



Marcha pelas 35 horas semanais, na Alemanha